



Paz, soberania e progresso social

Vivemos no Leste da Europa, na Ucrânia, uma situação de guerra. Uma guerra que urge parar e que nunca deveria ter começado. São acontecimentos dramáticos os que se vivem ali, que causam compreensão e legítima consternação e apreensão. Acontecimentos com trágicas consequências, que comportam sérios perigos e importantes repercussões por todo o mundo.

Vale a pena perguntar a quem serve a guerra e as sanções! Não servem os ucranianos, nem os russos, tão pouco os restantes povos europeus. Mas têm servido os interesses dos grandes grupos económicos e financeiros, em especial os situados nos sectores energético, da indústria da defesa, das indústrias extractivas, das grandes superfícies comerciais fornecedoras de bens alimentares, do sector imobiliário e financeiro.

Quanto mais complexa a situação, maior a necessidade de manter a cabeça fria e a razão. Por isso a URAP afirma que é necessário parar o caminho para o abismo. Parar a instigação do confronto. Parar a política e as medidas que estão na origem

do conflito, que só levarão à perda de mais vidas humanas, a maior sofrimento.

Pelo contrário. São necessárias iniciativas que contribuam para o fim da escalada do conflito na Ucrânia. Para o cessar fogo. Para um processo de diálogo com vista a uma solução negociada para o conflito. À resposta aos problemas de segurança colectiva e do desarmamento na Europa. Ao cumprimento dos princípios da Carta da ONU e da Acta Final da Conferência de Helsínquia. No interesse da paz e cooperação entre os povos.

Entretanto as populações sofrem os impactos negativos resultantes da escassez de bens essenciais, da especulação e da consequente forte subida dos preços dos bens e serviços.

Há centenas de milhares de portugueses que empobrecem a trabalhar. No nosso País a pobreza aumentou 12,5%. Os preços dos produtos alimentares subiram 18,9% e os produtos energéticos 27,6%. A inflação em Outubro atingiu os 10,2%. Assistimos a um aumento brutal das rendas de casa. A prestação vai subir entre os 100 e 150 euros.

Neste contexto de crise os lucros das maiores empresas dispararam. O Pingo Doce em 9 meses obtém 419 milhões de lucros. A Sonae 268 milhões, o maior lucro dos últimos 8 anos. Os lucros do retalho alimentar subiram 8% durante a pandemia. A EDP renováveis mais 181%, o Grupo EDP mais 306 milhões, a Galp mais 608 milhões.

Os 6 maiores bancos duplicam os lucros. São 7 milhões por dia. O Novo Banco triplica, o Santander duplicou, o BPI mais 286 milhões, o BCP mais 97 milhões. Os portugueses pagaram em comissões bancárias 1 827 milhões.

Aproxima-se o 50º aniversário da Revolução Portuguesa na qual a URAP se empenhará na sua comemoração.

Comemorar Abril é ter presente o que significou, as transformações que trouxe, o progresso conseguido, mas também os ataques da contra revolução que duram até aos dias de hoje.

É valorizar o carácter progressista da nossa Revolução, onde se abriu caminho à liberdade e se construiu o edificado de direitos que ficaram plasmados na Constituição da República Portuguesa.

É lembrar a luta antifascista, a luta de homens, mulheres e jovens de uma abnegada dedicação à luta pela democracia e a liberdade, de uma intensa luta de massas da classe operária, da juventude e do povo.

Perante novas tentativas de branqueamento do fascismo, de surgimento e afirmação de projectos reacçãoários e fascizantes, é preciso não deixar esquecer o que significou o fascismo, em particular junto dos mais jovens.

António Vilarigues



CONVÍVIO EM PENICHE

A URAP promoveu no dia 29 de Outubro, na Fortaleza de Peniche, um convívio para celebrar os seis anos da decisão de constituir ali o Museu Nacional Resistência e Liberdade - págs 6 e 7

URAP PARTICIPA EM CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DA FIR - pág. 9

CAMPANHA “UMA SEDE PARA A URAP” - pág. 12

URAP APRESENTA LIVROS EM TODO O PAÍS

A URAP continua a apresentar por todo o país os livros que tem publicado sobre a resistência à ditadura. Neste trimestre destacamos:

Dia 9 de Julho, em Albufeira, organizado pelo núcleo do Barlavento Algarvio, apresentação por César Roussado, do Conselho Directivo da URAP, de «Os Presos e as Prisões Políticas em Angra do Heroísmo», no almoço convívio que reuniu 40 sócios e amigos da URAP de Albufeira, Portimão e Silves.

A iniciativa foi presidida por Policarpo Guerreiro, de Albufeira, e José Viola, do Conselho Nacional da URAP, falou das lutas antifascistas no Algarve, nomeadamente no sector corticeiro e das pescas.

Dia 24 de Setembro, em conjunto com as juntas de freguesia do Couço, no concelho de Coruche, e de Galveias, no concelho de Ponte de Sor, a URAP organizou duas sessões para apresentar «Elas estiveram nas prisões do fascismo», «Os presos e as prisões políticas em Angra do Heroísmo» e «MJT e a luta dos jovens trabalhadores-fios de memória». O orador foi José Pedro Soares, coordenador da URAP.



Covilhã

Dia 20 de Outubro, na Biblioteca Municipal José Saramago, em Loures, o núcleo Loures/Odivelas convidou Carlos Mateus, do Conselho Directivo, e Dolores Parreira, professora, para falarem sobre «Elas estiveram nas prisões do fascismo».

Trinta pessoas assistiram à sessão presidida por António Pombinho, presidente da Junta de Freguesia de Loures, que se juntou à iniciativa.

Dia 4 de Novembro, no salão nobre da Câmara Municipal da Covilhã, numa sessão intitulada «Páginas de Memória», José Pedro Soares, coordenador da URAP,



Silves

apresentou «Elas estiveram nas prisões do fascismo», «Os presos e as prisões políticas em Angra do Heroísmo» e «Forte de Peniche, memória, resistência e luta».

No evento, organizado pela URAP com o apoio da União Sindicatos de Castelo Branco (USCB), do Sindicato dos Têxteis da Beira Baixa (STBB) e da Câmara Municipal da Covilhã (CMC), estiveram 30 pessoas e entrevistaram ainda Serra dos Reis, vice-presidente da Câmara Municipal da Covilhã, e João Casteleiro, presidente da Assembleia Municipal. Maria da Cruz Marques procedeu à leitura de poemas.

Núcleo do Barreiro organiza almoço/convívio

O núcleo da URAP do Barreiro organizou na Associação de Reformados do Barreiro, dia 5 de Novembro, um almoço/convívio que contou com a presença de 60 pessoas, entre as quais estavam antigos presos políticos, familiares e amigos. Durante o almoço, Carlos Mateus, do Conselho directivo da URAP, fez um balanço da actividade da organização.

100 anos da greve dos mineiros de Aljustrel

A vila de Aljustrel celebrou, entre 1 de Novembro e 4 de Dezembro, os 100 anos da greve dos mineiros do Inverno de 1922, com debates, espectáculos e uma exposição intitulada “Aljustrel – 100 anos, do fundo à superfície”, patente no Sindicato dos Mineiros e composta por 80 painéis que retratam a luta dos mineiros e muito da história da exploração mineira naquele concelho.

A URAP, uma das organizações promotoras do evento, participou no debate “Trabalho, luta e resistência nas minas de Aljustrel”, que encheu a sala do Centro Documental do Município de Aljustrel, dia 19 de Novembro, tendo usado a palavra José Pedro Soares, coordenador da URAP, que referiu, entre muitos aspectos, a importância da exposição e a necessidade desta ficar definitivamente em espaço de memória em Aljustrel ou a sua circulação através do país.

A sessão de dia 19, na qual participaram ainda como oradores José Godinho e Domingos Abrantes, foi antecedida por um vasto programa de comemorações que se iniciou dia 1 de Novembro.

Núcleo de Almada visita Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira

Um grupo de 11 sócios do núcleo da URAP de Almada realizou uma visita guiada, dia 9 de Outubro, ao Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira, acompanhado pelos técnicos do museu Lídia Agostinho e Jorge Carvalho. Deslocou-se ainda a alguns locais emblemáticos da resistência ao fascismo, nomeadamente às casas onde nasceram e residiram alguns dos principais escritores do neo-realismo.



URAP

URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
AV. JOÃO PAULO II, LOTE 540-2D, LJ 2
1950-157 LISBOA • TELEFONE 213 576 083

DEPOSITO LEGAL: 357338/18

APRESENTADA LISTA DOS PRESOS POLÍTICOS E RESISTENTES ANTIFASCISTAS DE MAFRA

O Auditório Beatriz Costa, em Mafra, encheu-se, dia 8 de Outubro, para uma sessão organizada pela URAP destinada a apresentar a lista dos 174 presos e perseguidos políticos, naturais ou residentes no concelho no período de 1926 a 1974.

A mesa, presidida por Eugénio Ruivo, do núcleo de Mafra da URAP, era constituída ainda por António Felgueiras, da Câmara Municipal de Mafra; Aida Rechena, directora do Museu Nacional Resistência e Liberdade, de Peniche; Luís Farinha, investigador/docente na FCSH-UNL e ex-director do Museu do Aljube; e José Pedro Soares, coordenador da URAP.

Aida Rechena referiu a importância da constituição do museu na Fortaleza de Peniche, a inaugurar no 50.º aniversário do 25 de Abril. Luís Farinha, cooperante na investigação do acervo histórico, salientou a importância da preservação da Memória Histórica. O vereador da Educação e Cultura, António Felgueiras, que se encontrava em representação do presidente da Câmara, Hélder Sousa Silva, saudou o trabalho da URAP de listagem dos antifascistas e presos políticos do concelho. José Pedro Soares encerrou a sessão, lembrando os vários aspectos da actividade da URAP em todo o país.



A sessão foi iniciada com a projecção de fotografias dos presos e perseguidos políticos do concelho de Mafra (1926-1974). Em seguida, o poeta José Manuel Fanha disse um poema sobre presos políticos da autoria de David Mourão Ferreira.

No exterior havia um painel com a listagem dos 174 presos perseguidos e políticos durante o período da ditadura fascista no concelho de Mafra, entre 1926-1974, fotografias de Mafra depois do 25 de Abril e da inauguração de uma Pedra, em 2014, na sequência de uma Homenagem aos Presos e perseguidos antifascistas promovida pelo MUDAM, com apoio da URAP. Foi reafirmado o propósito de construir, em Mafra, um Memorial que registre os nomes de todos os antifascistas do concelho.

URAP reuniu com município

A intenção de construir o Memorial foi apresentada no dia 3 de Outubro ao presidente da Câmara Municipal de Mafra, Hélder Sousa Silva, por uma delegação da URAP composta por José Pedro Soares, Luís Farinha, o ex-presos político José Alberto Franco (Ericeira), André Teixeira, neto do ex-presos político José Filipe Teixeira (Mafra); Mário Borges, sobrinho do ex-presos político José Borges da Silva, e o ex-presos político Eugénio Ruivo.

O presidente da Câmara exprimiu a sua simpatia pelo projecto e declarou disponibilidade para apoiar a sua concretização, assim como o trabalho da URAP junto da comunidade educativa do concelho.

Convívio de antigos membros do MJT



Um grupo de associados da URAP organizou um jantar, dia 19 de Novembro, na colectividade Núcleo Recreativo e Desportivo Ídolos da Praça, em Setúbal, com a presença de meia centena de antigos membros do Movimento da Juventude Trabalhadora (MJT).

José Pedro Soares, coordenador da URAP e antigo dirigente do MJT, foi convidado a intervir, evocando a inesquecível experiência da organização e luta dos jovens trabalhadores contra o fascismo, as guerras coloniais, pelo direito de voto aos 18 anos, os direitos dos trabalhadores estudantes e as grandes jornadas antes e já depois do 25 de Abril.

Coimbra e Função Pública visitam Museu do Aljube



Trinta e duas pessoas do núcleo da URAP e do Ateneu de Coimbra fizeram uma visita guiada conduzida pelos ex-presos políticos Domingos Abrantes e Adelino Pereira da Silva, dia 8 de Outubro, ao Museu do Aljube Resistência e Liberdade, em Lisboa, dedicado à memória dos combatentes contra a ditadura e dos presos políticos que passaram por esta antiga cadeia do fascismo.

Adelino Pereira da Silva, do Conselho Nacional da URAP, foi o guia de uma visita ao Museu do Aljube Resistência e Liberdade, dia 15 de Outubro, constituída por 39 trabalhadores da Função Pública.

Antifascistas desaparecidos cuja memória permanece

Anabela Carlos, Alice Sena Lopes, Fernando Miguel Bernardes e Vítor Zacarias foram quatro destacados resistentes antifascistas que nos deixaram recentemente.

Anabela Carlos, membro do Conselho Nacional da URAP, com trabalho no âmbito do Arquivo Histórico, morreu dia 2 de Outubro, no Montijo, após internamento hospitalar, aos 61 anos.

Licenciada e Mestre em Gestão e Políticas Públicas pelo ISCSP/Lisboa, Anabela Carlos, filha dos comunistas José Carlos e Olívia Maria, nasceu na clandestinidade perto de Mafra e foi presa com os pais quando tinha um ano e meio. Viveu no Forte de Caxias com a mãe até aos 3 anos.

Perto de Gondomar, onde viviam, tornou-se aos 12 anos uma verdadeira funcionária do Partido Comunista, tendo a seu cargo diversas tarefas, como dactilografar documentos e distribuir o “Avante” clandestino.

Manteve actividade militante em prol da democracia no pós-25 de Abril.



Alice Sena Lopes, nascida no Lobito, Angola, a 21 de Junho de 1930, que iniciou a actividade política no início dos anos 50, já em Lisboa, morreu em Almada aos 92 anos, dia 27 de Setembro passado.

Foi presa no aeroporto de Lisboa, em 1953, com outros democratas que aguardavam o regresso da delegação portuguesa ao III Congresso Mundial de Mulheres, dirigida por Maria Lamas. Faz parte da Comissão Distrital de candidatura presidencial de Arlindo Vicente e depois da de Humberto Delgado, em 1958, passando à clandestinidade no ano seguinte como funcionária do PCP.

Em Abril de 1963 sai clandestinamente do país. Em Praga, representa os trabalhadores portugueses no Congresso dos Sindicatos e, em Junho, em Moscovo, integra a delegação portuguesa ao V Congresso Mundial das Mulheres. Em Abril de 1973, participa no III Congresso da Oposição Democrática, em Aveiro.

Alice Sena Lopes trabalhou, em 1974 e 1975, no Gabinete de Álvaro Cunhal, ministro Sem Pasta dos I ao IV Governos Provisórios. Foi membro da direcção e do secretariado da Associação Portugal-URSS e directora da revista “Vida Soviética”. Depois disso, foi dirigente da Associação Iúri Gagarine. Foi condecorada pela URSS com a medalha de Amizade entre os Povos.



Fernando Miguel Bernardes, engenheiro geógrafo e matemático, lutador antifascista e ex-preso político morreu dia 17 de novembro, em Lisboa, aos 92 anos.

Em 10 de Julho de 2021, o núcleo de Almada da URAP organizou uma sessão de homenagem ao Homem, Escritor e Resistente, na Associação Manuel da Fonseca, no Pragal, tendo-lhe sido dedicada uma canção com letra de Mário Araújo e música de João Fernando, cantada por Luísa Basto.

Fernando Miguel Bernardes participou em dezenas de antologias e em discos de Manuel Freire, Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira.

Nasceu em Gândara dos Olivais, Leiria, em 14 de Dezembro de 1929. Antes do 25 de Abril, foi preso seis vezes, julgado e condenado nos tribunais plenários de Lisboa e do Porto, cumprindo sucessivas penas nas cadeias políticas de Coimbra, Porto, Caxias e Lisboa (Aljube). Conseguiu ainda fugir duas vezes a tentativas de prisão e foi vítima de uma tentativa de assassinio, que o deixou quase morto.



Vítor Zacarias, ex-preso político e membro do Conselho Nacional da URAP, morreu dia 24 de Novembro, em Setúbal, aos 92 anos.

Vítor Zacarias, antigo operário metalúrgico, foi presidente da Câmara Municipal de Setúbal em 1975, dirigente do Clube de Campismo de Setúbal e membro do Partido Comunista Português.

Foi membro do Conselho Directivo da URAP durante largos anos e foi um dos organizadores do núcleo de Setúbal e Palmela desta organização. Teve um papel determinante na construção do Monumento aos Resistentes Antifascistas, instalado na placa central da Av. Luísa Todi, Setúbal.

Vítor Zacarias integrava a Comissão de Honra para as Comemorações dos 50 anos do 25 de Abril em Setúbal, criada este ano pelas autarquias do concelho.



CONSELHO NACIONAL DA URAP APONTA PRIORIDADES DE ACÇÃO

Em reunião realizada a 1 de Outubro nas instalações da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, em Lisboa, o Conselho Nacional da URAP definiu como tarefas prioritárias da organização o encontro/convívio junto à Fortaleza de Peniche, a 29 de Outubro; as comemorações do III Congresso de Aveiro, realizado em 1973; e a próxima assembleia geral electiva em 2023.



Após um balanço sobre a situação que o País e o mundo atravessam, com ênfase para o recrudescimento das actividades fascistas e fascizantes, os participantes na reunião traçaram as linhas gerais da actuação futura da URAP, comprometendo-se, cada núcleo, a promover uma iniciativa até final do ano.



Para além do prosseguimento das actividades que a URAP está a desenvolver, sobretudo a que se relaciona com a sua intensa actividade editorial, novas tarefas estão na ordem do dia, como a organização do trabalho junto das escolas para comemorar o 25 de Abril; a preparação do 50º aniversário da Revolução dos Cravos; a participação na

Conferência Internacional, em Belgrado, de 24 a 26 de Outubro; a cerimónia de 3 de Dezembro, junto à cadeia de Caxias.

Do ponto de vista interno, foi debatida a forma de intensificar a campanha de fundos para a aquisição da

nova sede, ferramenta indispensável para valorizar o trabalho da URAP; o recebimento atempado das quotas; a angariação de novos sócios; a melhor divulgação do Boletim; e a execução de um novo programa informático para tratamento dos dados da organização.

Reforço orgânico e financeiro

A intensa e diversificada actividade da URAP torna cada vez mais necessário o reforço dos núcleos e a criação de novos um pouco por todo o país. As condições estão criadas para o reforço orgânico, e para tal é necessário a responsabilização de mais sócios que assumam a direcção dos respectivos núcleos.

Nos tempos difíceis e complexos nos quais vivemos, que são também de confiança e esperança, a URAP precisa para a sua

actividade, de ampliar a capacidade financeira, só possível com a regularização e mesmo o aumento das quotas dos sócios e amigos da URAP.

As quotas devem ser pagas através do seguinte NIB: 000700210014375000653 (Novo Banco).

A URAP precisa do empenhamento de todos, consoante a suas possibilidades e disponibilidades.

URAP nas Escolas e o 25 de Abril

O «25 de Abril nas Escolas» é uma das frentes mais importantes das múltiplas actividades da URAP. Assim, foi constituída uma Comissão para organizar um Encontro com ex-presos políticos, professores e estudantes e desenvolver um programa integrado para 2023.

Estão a ser criados meios de apoio às sessões nas escolas, tais como folhetos, cartazes, vídeos, e outros. Já foram enviadas cerca de 800 cartas a escolas e dezenas já responderam. Aos docentes e estudantes apela-se à organização de sessões e ao contacto com a URAP.



Convívio em Peniche saúda criação do MUSEU NACIONAL RESISTÊNCIA E LIBERDADE



O ex-presos político José Marcelino, membro do Conselho Nacional da URAP, e Aida Rechená, directora do Museu Nacional Resistência e Liberdade, foram os oradores, dia 29 de Outubro, na Fortaleza de Peniche, do VI Encontro-Convívio organizado pela URAP em colaboração com o MNRL.

Apresentado por Marília Villaverde Cabral, vice-presidente da Assembleia Geral da URAP, e promovido por ex-presos políticos, familiares, democratas e amigos, o convívio assinalou também a passagem dos 60 anos da proibição pelo regime fascista do poema *Por teu livre pensamento*, conhecido por *Fado Abandono* ou *Fado de Peniche*, que foi cantado por Luísa Basto.

Do programa do convívio constou ainda um almoço organizado pelo núcleo da URAP de Peniche, na cantina da Câmara Municipal de Peniche, findo o qual mais de 300 pessoas, vindas nomeadamente dos distritos de Lisboa, Setúbal, Évora, Beja, Leiria, Aveiro e Viseu, desfilaram pelas ruas de Peniche até à Fortaleza com faixas e bandeiras da

URAP e de Portugal, entoando palavras de ordem alusivas à defesa do 25 de Abril e à Paz.

Para além de Luísa Basto, houve um momento musical a cargo do grupo «Os Amigos de Abril».

Vitória da luta

Em 2016, o Forte de Peniche encheu-se de democratas e antifascistas para exigir a reversão da decisão governamental de entrega daquele local a privados para fins hoteleiros, o que contribuiu para a criação do Museu Nacional Resistência e Liberdade.

Esse protesto levou a Assembleia da República e o Governo a reconhecerem a importância da Fortaleza de Peniche, onde funcionou entre 1934 e 1974 uma das mais sinistras cadeias do fascismo, enquanto espaço de resistência, memória e luta.

O VI Encontro-convívio homenageou todos os antifascistas que o fascismo encarcerou na Fortaleza de

Peniche e que passaram parte de suas vidas resistindo e lutando por um Portugal livre e democrático.

José Marcelino considerou «uma honra ter sido, desta vez o ex-presos político indicado para intervir neste convívio em que se assinala o sexto ano da grande luta travada pela reversão do projecto do governo que pretendia transformar o Forte de Peniche numa unidade hoteleira privada. Em resultado dessa luta, o governo recuou no grave erro que ia cometer e, finalmente, vai ser instalado nesta Fortaleza o Museu Nacional Resistência e Liberdade».

«Podemos continuar a ver os pavilhões prisionais, as pequenas celas onde companheiros passaram anos e anos encarcerados. Sem essa luta, seriam destruídos locais e também parte da história visitável onde tantas vidas foram sacrificadas na luta contra o fascismo», afirmou José Marcelino, depois de referir, que se assim não fosse a memória de uma das mais terríveis prisões políticas da ditadura «iria perder-se no tempo das futuras gerações».



«O Museu é vosso»

Aida Rechena, directora do Museu Nacional Resistência e Liberdade, de Peniche, sublinhou que este museu é único, porque nasceu da iniciativa popular. «Este Museu é vosso», declarou.

A directora do MNRL anunciou que as obras do museu deverão estar concluídas em Abril de 2023 e que, após a instalação de todo o acervo, este será inaugurado em 27 de Abril de 2024.

Aida Rechena referiu ainda que o acervo não resulta de colecções privadas, mas da recolha de numerosa informação fornecida por ex-presos políticos e por entidades ligadas à Resistência, entre as quais a URAP.

Na sua intervenção, José Marcelino recordou também que «este foi o local onde a Ditadura Militar, pouco depois do golpe de 1926, colocou uma guarnição militar para vigiar e acolher diariamente a presença de deportados que foram enviados para Peniche e que aqui na Fortaleza tinham de se apresentar diariamente»,

acrescentando que «a partir de 1933, já com Salazar no poder, o fascismo passou a utilizar a Fortaleza como prisão de alta segurança para cumprimento de penas dos presos políticos já condenados».

«Desde 1934 a 1974, até à Revolução de Abril, por aqui passaram mais dos 2.500 homens e duas mulheres, cujos nomes estão inscritos no Memorial existente no interior da Fortaleza. Eram fundamentalmente presos muito jovens, na sua maioria com idades inferiores a 30 anos (...). Na maioria eram operários fabris e agrícolas, mas também aqui estiveram presos advogados, médicos, engenheiros e homens de muitas outras profissões», relatou.

Depois de falar nas condições prisionais, nas penas e medidas de segurança e nas fugas, José Marcelino agradeceu à directora do Museu, Aida Rechena, e a toda a equipa, o trabalho que estão a fazer para pôr de pé o Museu Nacional Resistência e Liberdade, que “será uma grande escola de civismo e de cidadania, um grande espaço de formação e de afirmação democrática. É isso que

mais desejamos, e todos juntos, nunca seremos demais para o defender”.

«Nomeai um a um»

Na abertura da sessão, Marília Villaverde Cabral afirmou que «nós, URAP, temos orgulho em termos iniciado todo este processo, em colaboração com a Câmara Municipal de Peniche, na pesquisa dos nomes de todos aqueles que deram o melhor das suas vidas para que o povo português pudesse ter alcançado a liberdade.

E, para que não se esqueça, num Memorial instalado à entrada da Fortaleza estão indicados os nomes de todos quantos por ali passaram na longa noite fascista. A poucos metros, numa escultura, lê-se a bonita e tão profunda legenda escrita por Borges Coelho: *Nomeai um a um todos os nomes. Lutaram e resistiram. A Liberdade guarda a sua memória nas muralhas desta fortaleza*».

Núcleo de Peniche promove ROTEIROS DA RESISTÊNCIA

O núcleo da URAP de Peniche organizou, dia 13 de Novembro, o Roteiro do «**Motim de Peniche**», também chamado a «**Guerra das Espoletas**» ou a «**Revolta Popular de Peniche**», para assinalar a rebelião vitoriosa do povo de Peniche, em 1935, contra a proibição da pesca durante um ano e a prisão de 62 mestres de barcos.

Nesse dia, o povo de Peniche, nomeadamente pescadores, conserveiras e suas famílias, ocupou a vila cortando as comunicações telefónicas e telegráficas e levantando uma barricada à saída da vila. Com esta unidade e luta do povo de Peniche, dias depois, o regime foi obrigado a libertar os mestres e os outros detidos e a permitir que os barcos pudessem ir ao mar.

O roteiro iniciou-se na Praça Jacob Rodrigues Pereira e terminou no mesmo local. Percorreu os locais emblemáticos da luta: antiga Capitania de Peniche; Stella Maris; Monumento ao 25 de Abril; Escola secundária/Igreja da Ajuda; Barbearia de João Barbeiro; Casa de Carlos Leiria; Portões de Peniche de Cima; Ponte pedonal do fosso da muralha; Ponte Velha; Jardim da Cascata; e, de novo,



Praça Jacob Rodrigues Pereira. Em cada local foi feita uma intervenção relativa ao acontecimento aí verificado.

O núcleo de Peniche tem levado a cabo por diversas ocasiões outro roteiro, o «**Roteiro da Resistência e Solidariedade**», promovido em colaboração com o Museu Nacional Resistência e Liberdade, que percorre lugares emblemáticos da resistência ao fascismo, quer por serem locais de repressão, quer por serem zonas de acolhimento a familiares de presos: Praia de S. Pedro - Peniche Terra do Mar, da Fortaleza, da Resistência e da Liberdade -; Fortaleza de Peniche; guarita da Fuga; casa do resistente antifascista de Peniche Carlos Mota; casa de Celeste

Rocha; mercearia de José da Costa; sede CDE para as eleições de 1969; posto da PSP de Peniche; casa de Dona Anunciada; casa de Salvador das Neves; restaurante Nabéu (Dona Maria José); casa de Jacinta Gonçalves; Associação Recreativa de Peniche; CICARP- Círculo de Iniciação Cinematográfica da Associação Recreativa de Peniche; Cooperativa Livreira Húmus; Largo Jacob Rodrigues Pereira, ponto de encontro nos cafés, Residencial Aviz, que alugava quartos a familiares de presos políticos, e onde se iniciou “O Motim de Peniche em 1935; casa de Rui Passos; antigo Posto da PIDE; Largo da Câmara, a prisão municipal de Peniche; Capitania; Largo José da Costa, sede da CDE nas eleições de 1973.

Nos 86 anos da REVOLTA DOS MARINHEIROS

Carlos Mateus, do Conselho Directivo da URAP, participou, dia 10 de Setembro, na cerimónia comemorativa do 86.º Aniversário da Revolta dos Marinheiros de 8 de Setembro de 1936, do Dia Nacional da Praça das Forças Armadas e do 12.º aniversário da inauguração do Monumento ao Marinheiro Insubmisso, a convite do Clube de Praças da Armada (CPA) e da Associação de Praças (AP).

A cerimónia decorreu no Centro Cívico do Feijó, concelho de Almada, junto ao Monumento ao Marinheiro Insubmisso, onde o presidente do Clube de Praças da Armada, Carlos Cardoso, fez uma resenha dos acontecimentos que levaram à Revolta dos Marinheiros, também descrito no livro «A Revolta



dos Marinheiros de 1936», da autoria de Gisela Santos de Oliveira. Destacou que a 8 de Setembro de 1936, após a revolta dos militares deportados nos Açores, em 1931, e da Revolta do Leite na Madeira, em 1934, um grupo de marinheiros dos navios Bartolomeu Dias, Dão e Afonso de

Albuquerque, com os navios fundeados no Tejo, decidiram enfrentar a Ditadura e realizar um golpe armado contra o fascismo de que resultou 12 marinheiros mortos, 208 presos, dos quais 34 foram enviados para o Campo de Concentração do Tarrafal.

URAP presente em Belgrado na CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DA FIR



A Federação Internacional de Resistentes (FIR), de que a URAP é membro, realizou, dias 24 e 25 de Outubro, uma conferência internacional, em Belgrado, dedicada ao tema «Antifascismo hoje e o perigo das políticas de direita na Europa».

A delegação portuguesa, constituída por José Pedro Soares, coordenador da URAP, e ainda Teresa Lopes, do Conselho Directivo, e Helena Barbosa, para além de fazer uma análise da situação política, com destaque para a guerra na Ucrânia, apontou as razões para o recrudescimento da direita em Portugal e no mundo e convidou a FIR a estar presente nas comemorações do 50.º aniversário da Revolução dos Cravos.

Após a abertura da conferência, os delegados intervieram da parte da tarde e, à noite, realizou-se um jantar oficial. No dia seguinte, decorreu uma cerimónia comemorativa do aniversário da libertação da cidade de Belgrado, no Cemitério dos Libertadores de Belgrado 1944 e uma visita à cidade de Belgrado.

José Pedro Soares saudou Vilmos Hanti e Ulrich Schneider, presidente e secretário-geral da FIR, respectivamente, e todos os participantes na conferência, e lembrou o «levantamento popular de há 80 anos dos povos da Jugoslávia contra o nazi-fascismo» e a sua derrota nos Balcãs.

Depois de sublinhar que «na primeira metade do século passado, os regimes de numerosos países europeus, na América Latina e em outras partes do mundo recorreram à mais dura violência, à tortura, à guerra e à morte de milhões de seres humanos com a instauração de regimes fascistas», lembrou que

Portugal foi «chamado para o pequeno núcleo de países fundadores da NATO» e que mesmo após a II Guerra Mundial e a derrota do nazi-fascismo «o fascismo continuou em Portugal, Espanha e Grécia, sem esquecer a martirizada América Latina, onde é conhecido o papel da CIA e dos Estados Unidos da América em tantos golpes militares fascistas».

Celebrar os 50 anos de Abril

Para José Pedro Soares, «os grandes interesses económicos procuram controlar governos, instituições, meios de comunicação social, num domínio que querem absoluto, deixando claro a manipulação e a sua natureza agressiva e exploradora», situação que se «agravou com a guerra na Ucrânia (conflito que se desenvolve desde pelo menos 2014), onde a pressão e a influência da comunicação social se tornou dominante e raramente deixa que se oiçam opiniões diferentes».

O orador garantiu que os «democratas e antifascistas [portugueses] são contra a guerra e pela paz, pela negociação e resolução pacífica dos conflitos, tal como preconiza a Constituição da República Portuguesa» e «não podem ignorar que os Estados Unidos da América, a NATO e a União Europeia têm imensas responsabilidades neste conflito».

Após a análise da situação internacional, o conferencista falou da situação de Portugal, onde «o fascismo e o colonialismo foram derrotados com a Revolução do 25 de Abril de 1974», e no surgimento de «grupos de direita, uns camuflados pelo que

chamam de liberalismo, outros, mais arrogantes, anti-emigrantes, racistas e mesmo neofascistas, que se aproveitam de dificuldades, de erros e da política muitas vezes enganosa e de direita da governação praticada ao longo de anos para terem maior protagonismo e assim conseguem, sobretudo como aconteceu nos últimos processos eleitorais, alcançar representação parlamentar e autárquica».

Abordou igualmente o trabalho da URAP em prol do esclarecimento do povo, sobretudo dos mais jovens, e falou das comemorações, em 2024, do 50.º aniversário da Revolução do 25 de Abril de 1974.

Fortalecer o movimento antifascista

No comunicado final da conferência, a FIR destacou o perigo do recrudescimento das políticas de direita na Europa de hoje, afirmando que devemos «levantar a nossa voz para protestar contra tal evolução e empenharmo-nos no fortalecimento do antifascismo na sociedade civil para preservar o legado dos combatentes da resistência, dos sobreviventes e libertadores».

O comunicado diz ainda que o «crescimento das políticas de direita também está relacionado com a guerra na Ucrânia», pelo que a FIR «reclama um cessar-fogo imediato e o início de negociações internacionais», garantindo que «as armas nunca trarão a paz, a diplomacia e as negociações são o único caminho. É necessário especialmente para salvar a vida das populações civis».

De Fado Abandono a Fado Peniche

(nos 60 anos da sua proibição pelo fascismo)



Nasce uma pessoa para o mundo e logo um nome lhe dão. Às vezes o nome pega, e por ele se responderá vida fora, nos bons e nos maus chamamentos. Outras vezes, essa vida mesma que a uns dá onomástico sossego, a outros há-de assinalar feições particulares ou salientes acções que virão a ser alcunha, primeiro, e logo a seguir nome próprio no que, de vida, restar. E quem diz pessoas, suas obras poderá dizer. Foi o que aconteceu ao poema *Abandono*, assim baptizado por David Mourão-Ferreira, que o escreveu e publicou em 1959, e que havia de ganhar diverso nome por razões que adiante se dirão. *Abandono* migrou, primeiro, da folha de papel para a partitura de Alain Oulman e, dali, para a voz de Amália Rodrigues, que registou este fado (e alguns mais) no palco do velho Teatro Taborda, ali à Costa do Castelo, ao lado do guitarrista José Nunes, do viola Castro Mota e do compositor e pianista Alain Oulman.

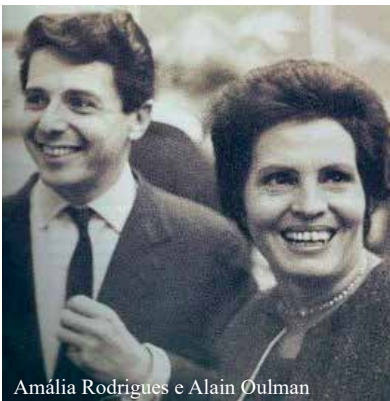
Poema de amor parecia ser aquele, porém denunciado pelos versos que diziam “*apenas ouves o vento, apenas ouves o mar*”. Quem assim escreveu,

sabia que o “*longe*” daquele poema era uma cela de cárcere, em que a engenharia aplicada à repressão política negava, ao olhar dos presos, a visão do mar e do voo suspenso das gaivotas contra o vento. O “*longe*” era a fortaleza de Peniche, razão por que *Abandono* tomou o nome de *Fado Peniche*.

O facto de ser Amália Rodrigues a divulgadora do poema de David Mourão-Ferreira não é um elemento de menor importância na repercussão que o *Fado Peniche* viria a conhecer. Amália era tida entre os dignitários fascistas como personagem-chave daquilo que hoje se designa “diplomacia cultural”, estatuto que a terá poupado aos rigores da censura e demais incómodos. Talvez seja essa razão de o LP “*Busto*” (assim chamado por reproduzir na capa um busto da autoria de Joaquim Valente, fotografado por Nuno Calvet) não ter sido retirado de circulação, ainda que a difusão de *Abandono* tenha sido proibida na Emissora Nacional. Perante as dúvidas levantadas acerca da fidelidade da Amália à orientação ideológica do regime, a Fadista afirmou não ter percebido

qualquer intenção conspirativa no belo poema de Mourão-Ferreira. Seja como for, com intenção desafiadora disfarçada de ingenuidade ou mais corajosa posição, *Abandono* permaneceria - *Fado Peniche*, já - no repertório de palco de Amália Rodrigues.

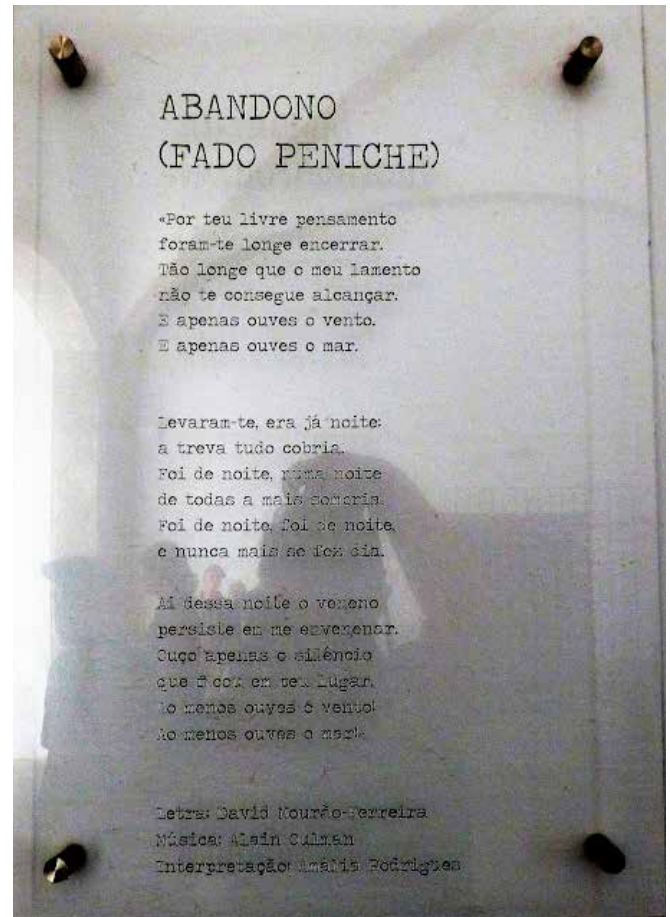
O jornalista Miguel Carvalho, autor do livro “*Amália – ditadura e revolução (a história secreta)*”, duvida da ingenuidade da Fadista, afirmando que “*a mesma Amália com que o regime flirtava e que, em certos casos, se permitiu ser usada pela ditadura, proporcionou, ao longo de várias décadas, ajuda preciosa às famílias dos presos políticos, à resistência antifascista e a vários movimentos da oposição a Salazar*”. Miguel Carvalho aponta, a este propósito, dois fatores porventura estruturantes das opções “subversivas” de Amália Rodrigues: a sua origem de classe e a relação de amizade ao longo de toda a vida com Maria Alda Nogueira, destacada dirigente comunista.



Amália Rodrigues e Alain Oulman



David-Mourão Ferreira e Amália Rodrigues



Alain Oulman, o outro poeta do fado

Alain Oulman revela em “Busto” uma nova forma de escrita do Fado, incorporando na sua obra traços essenciais do corpo musical da velha canção lisboeta. Afirma David Mourão-Ferreira que “deve-se a Alain Oulman, logo a partir de finais dos anos cinquenta, a pioneira missão de estabelecer um determinado e fecundo enlace entre a poesia portuguesa de matriz ‘cult’ e essa específica forma da música popular – o Fado – que até aí era objecto de um quase geral e sobranceiro menosprezo por parte da *intelligentia* nacional”. Oulman, o compositor, vai à procura dos poetas nas estantes da Biblioteca Nacional, procurando nas palavras a razão de ser da música que virá a compor. Ele explica: “tenho feito, no que me toca, sempre a música para um poema já escolhido. Só me lembro de um caso em que se passou o contrário – a ‘Gaiivota’, de Alexandre O’Neill, que foi escrita para uma música que já tinha composta. É que um poema de qualidade é uma coisa muito séria e por isso parece-me melhor aceitá-lo e procurar-lhe uma música adequada

do que subordiná-lo às exigências de uma composição que lhe foi alheia e o ignorou completamente ao longo da sua elaboração”. (“A Capital”, 27/02/1971).

O “Busto” viria a ser o primeiro álbum de trabalho de Oulman com Amália. Editado em 1962, integrava vários poemas de David Mourão-Ferreira: “*Maria Lisboa*”, “*Madrugada de Alfama*”, “*Abandono*” e “*Aves Agoirentas*”, todos com música de Alain Oulman. Antifascista confesso, e como tal reconhecido, o músico viria a conhecer o exílio em 1966, então director artístico da Companhia Portuguesa de Comediantes. A 18 de Fevereiro desse ano, de manhã, três agentes da PIDE invadiram a sua casa nas Amoreiras, onde vivia com Felicity Serra, seguindo algemado para a António Maria Cardoso, primeiro, e depois para Caxias. Passou pelos interrogatórios da polícia política, pelas torturas da estátua e do sono. A pressão exercida pelo governo francês sobre os governantes fascistas conseguiu a libertação de Oulman, mas não o livrou da expulsão de Portugal.

Amália Rodrigues, indiferente à distância e aos motivos da ausência

forçada do compositor, continuou a trabalhar com Alain Oulman, de quem disse que “para além da música, o Alain, com a sua vasta cultura, fez-me travar conhecimento com grandes poetas. Ele não só fazia as músicas, como ia procurar, aos livros de poesia, letras para as músicas. Dedicou-me um tempo grande. (...) Trabalhámos muito os dois. (...) O Alain trouxe um público que não estava comigo e, ao mesmo tempo, afastou um bocadinho outro público, a começar pelos guitarristas. O José Nunes, quando ia tocar coisas do Alain, dizia sempre: ‘Vamos às óperas!’” (“Amália uma biografia”, pp.150).

O Fado Peniche era uma dessas “óperas” – o objecto estético em que o libreto desafiador da violência fascista encontra a partitura que lhe dará voz e aplauso, assim passando de mão em mão, de voz em voz. Calham ser as óperas (também) relatos da vida dos heróis. Como, afinal, o do poema, levado “*longe encerrar*”, guiando a sua esperança (a sua confiança) pelo rumor do vento, pelo fragor do mar.

Manuel Pires da Rocha

Músico

URAP celebra Adriano

«Adriano Correia de Oliveira deixou-nos cantigas e músicas que se prolongarão no tempo. Ele foi o grande trovador da sua geração, o homem e o artista fraterno e generoso que fez da viola e das canções a sua arma e forma principal de intervenção», disse José Pedro Soares no almoço de comemoração dos 80 anos do nascimento do cantor.

Organizado, dia 27 de Novembro, pela URAP e Casa do Alentejo, que cedeu as instalações para esta realização, que teve igualmente a colaboração da Comissão das Comemorações dos 80 Anos de Adriano Correia de Oliveira. Participaram mais de 200 pessoas e coube a César Roussado, do Conselho Directivo da URAP, presidir à sessão.

João Proença, presidente da direcção da Casa do Alentejo, manifestou a satisfação pela organização daquela evocação em conjunto com a URAP. Em representação da Comissão Executiva das Comemorações dos 80 anos de Adriano, João Mascarenhas, agradeceu a realização daquela iniciativa, que se soma às muitas que se têm realizado por todo o País. Contou ainda factos



engraçados de Adriano quando estudante de Coimbra e leu uma saudação da direcção do Centro Artístico, Cultural e Desportivo Adriano Correia de Oliveira.

O coordenador da URAP afirmou que «Adriano Correia de Oliveira foi, com José Afonso e outros cantores da nova música portuguesa, na última década do regime opressor e nos primeiros da Revolução de Abril, um dos grandes animadores do movimento popular e da juventude, a força e o conteúdo das suas cantigas, foram e são, para todos nós, um imenso património».

O almoço foi acompanhado por uma parte cultural, que contou com um número maior de pessoas que se juntaram ao evento, com Manuel Diogo a dizer poemas dedicados a Adriano ou musicados por ele, de Ary dos Santos, Manuel Alegre e Manuel da Fonseca. Participaram ainda o grupo «Amigos de Abril», que interpretou canções de poetas da resistência, entre os quais Adriano, e o grupo de Cante Alentejano «Fora d'Oras» de Montemor-o-Novo.

Campanha «Uma sede para a URAP»

A campanha para angariação de fundos «Uma sede para a URAP» está a decorrer. Trata-se de um objectivo que apela à participação de todos os associados e amigos da URAP.

Apela-se, pois, à contribuição de todos para que tornem possível a aquisição de um local de trabalho com dignidade, que responda às necessidades da organização, e que ao mesmo tempo seja um espaço de reunião e exposições culturais e outras.

Até ao momento, algumas dezenas de associados já entregaram a sua contribuição e outros estão a fazê-lo em prestações mensais.

As contribuições devem ser enviadas para o NIB da URAP no Banco Montepio: 0036 0344 9910 0030 4619 8



Fuga de Caxias e visita ao Parlamento Europeu

À data do fecho desta edição do Boletim, estavam previstas duas iniciativas, de que daremos nota no próximo número: a evocação dos 61 anos da fuga de Caxias, no dia 3, junto ao monumento «Libertados e Libertadores», em Caxias, com Domingos Abrantes; visita de uma delegação da URAP ao Parlamento Europeu, a convite dos deputados do Partido Comunista Português, de 5 a 9, com deslocação a San Sebastian, Bruxelas e a um Campo de Concentração entre Bruxelas e Paris.

WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses